HAL
open science

# O papel da Companhia de Jesus na propagação da crença sebástica em Portugal e no Brasil

Ana Maria Binet

## To cite this version:

Ana Maria Binet. O papel da Companhia de Jesus na propagação da crença sebástica em Portugal e no Brasil. Para a história das ordens e congregações religiosas em Portugal, na Europa e no mundo, Paulinas Editoras, 2014, 978-989-673334-6. hal-02989738

**HAL Id: hal-02989738**

**https://u-bordeaux-montaigne.hal.science/hal-02989738**

Submitted on 5 Nov 2020

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

**O Papel da Companhia de Jesus na propagação da crença sebástica em Portugal e no Brasil – Ana Maria de Albuquerque Binet – Université Michel de Montaigne – Bordeaux3**

## Introdução : A crença sebástica

A presença, no território português, de uma comunidade judaica importante, não deve ser esquecida se quisermos compreender certos elementos fundamentais da cultura portuguesa. O desenvolvimento, no país, de um messianismo excepcionalmente forte é um dos elementos susceptíveis de serem ligados a uma influência judaica mais ou menos oculta. O século XVI europeu vai, aliás, assistir a uma recrudescência dos movimentos messiânicos, que podemos, em parte, explicar pelo sentimento de desilusão e de insegurança religiosas nascidas do movimento da Reforma. Na Península ibérica, esses movimentos foram especialmente numerosos, aparecendo diferentes "Messias" que provocavam grande agitação nas populações locais, especialmente as que eram de origem cristã-nova. A esperança na chegada de um Rei Encoberto acentuava-se, pois, mesmo entre os cristãos velhos, encorajada em parte pelos frades franciscanos, capuchos e jerónimos, influenciados pelas doutrinas milenaristas de Joaquim de Flora apontando para uma Idade do Espírito Santo, sob a direcção de um Imperador do Mundo e de um Papa Angélico.[1] Em Portugal, o principal arauto da chegada próxima de um Rei-Messias foi, como se sabe, Gonçalo Anes Bandarra (1500-1566), o famoso sapateiro de Trancoso, região em que os cristãos-novos eram numerosos. Nas suas *Trovas*, [2] Bandarra serve-se dos textos bíblicos, que conhece perfeitamente, para interpretar a História de Portugal, passada e futura. Acima de tudo, anuncia a vinda de um Rei Encoberto que vai restaurar a antiga glória do país, pois nos finais do século XV e princípios do século seguinte, época em que ele viveu, este iniciava já um inevitável declínio.

Alcácer-Quibir, a 4 de Agosto de 1578, vai ser a resposta cruel da História a esses sonhos de glória : à derrota face às forças muçulmanas das tropas do jovem rei D. Sebastião (8.000 mortos, 15.000 prisioneiros a resgatar), seguir-se-à a perda da independência do país. O traumatismo é tal que, durante pelo menos duas décadas, a batalha só será relatada por

[1] V. Sobre esta matéria Henri de LUBAC, *La postérité spirituelle de Joachim de Flore,* Paris, Ed. Lethielleux/ Namur, "Culture et Vérité", 1979.

[2] As *Trovas* foram inspiradas pelas *Coplas* de Pedro Frias, monge castilhano do fim do século XV que se tinha baseado nas profecias de Santo Isidoro, bispo de Sevilha no século VII. As *Coplas* anunciavam a vinda de um *Encubierto* montado num cavalo de madeira. Vivendo numa região de Portugal onde contactava certamente com cristãos-novos, Bandarra insere-se numa corrente messiânica e milenarista que reflecte influências judaicas, mas também cristãs.

autores estrangeiros. [3] No entanto, as suposições mais fantasistas percorrem o país e criam uma agitação que Filipe II tenta acalmar, mandando vir de Marrocos, em 1582, um cadáver suposto ser o do jovem rei, que é objecto de um funeral público e colocado num túmulo no Mosteiro dos Jerónimos, cuja inscripção diz bem as dúvidas sobre o seu conteúdo : *conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus*... O erro estratégico, fatal para Portugal, de um rei que sonhava ser um cavaleiro em busca do Graal, um avatar português do rei Artur, será mais tarde interpretado como um sacrifício supremo permitindo, num futuro próximo ou longínquo, a redenção do país.

Presente nesta esperança encontra-se igualmente a ideia de povo eleito, o qual, como o da Bíblia, entrará num período de cativeiro debaixo do jugo espanhol, entre 1580 e 1640. A esperança na vinda de um Rei Messias, de um Príncipe da Paz, torna-se extremamente activa neste período de sofrimento e humilhação. Os pretensos sinais desta vinda são esperados, espiados, interpretados. Perante o mundo, e contrariamente à situação real, Portugal seria finalmente investido da missão anunciada desde as suas origens : garantir o reino de Cristo na terra durante mil anos, uma Idade de Ouro sem sofrimento nem violência. Assim, vários aventureiros aparecerão durante esse período de domínio filipino, afirmando ser D. Sebastião, e respondendo de certo modo ao desejo de um rei nacional, de uma independência reconquistada. O mais célebre será o calabrês Marco Túlio Catizzone, que aparece em Veneza em 1598, onde numerosos Portugueses lhe prestaram a homenagem devida a um rei, antes de ser desmascarado e condenado à morte.

Obliterando gradualmente a realidade histórica do reinado de D. Sebastião e dos erros políticos deste último, o povo português vai mitificar essa personagem pouco apreciada em vida, transformando-a na encarnação do Rei Encoberto. É, pois, a imagem desse rei, mau governante, mentalmente frágil, que será gradualmente transfigurada pelo desejo de um povo privado de independência num herói imtemporal esperando a hora de voltar, escondido num lugar desconhecido. A sua vida é relida a essa luz, a história da sua infância e da sua adolescência tornando-se um repositório de fenómenos extraordinários, testemunhando do seu estatuto de personagem eleita.

Os membros das Ordens religiosas, e sobretudo os Jesuítas, divulgam estas ideias e esta imagem de um D. Sebastião mítico, que tem pouco a ver com a personagem histórica. Torna-se então uma arma contra a ocupação espanhola, essencial para o sucesso do movimento de

[3] V. Lucette VALENSI, *Fables de la Mémoire*, Paris, Seuil, 1992, p. 26, 27.

libertação que levou, no dia 1 de Dezembro 1640, à Restauração de um rei no trono português.[4]

A "mitanálise", permitindo-nos encontrar as estruturas míticas que trazem a marca das representações colectivas, dá-nos a possibilidade de realçar as tensões e conflitos da época sob uma forma "metaforizada", apagando pouco a pouco a fronteira entre mito e realidade. Não é o mito esse "nada que é tudo", [5] sobretudo numa visão do mundo (*Weltanschaung*) como a da época em questão, em que a intervenção directa da Providência na História era considerada como natural e constante ? Os textos bíblicos e sobretudo proféticos são, com efeito, omnipresentes na relação que o homem dos séculos XVI e XVII estabelece com a realidade histórica passada, presente e futura.

**I – O Papel da Companhia de Jesus na propagação da crença sebástica em Portugal**

Nessa relação, as Ordens religiosas têm, em Portugal, um papel preponderante, pela influência que exercem numa população profundamente crente, mas também frequentemente inculta e crédula. Durante o domínio espanhol, cuja política não lhes era particularmente favorável, elas fomentam revoltas no país, e encorajam simultaneamente a crença no retorno do Rei Encoberto, anunciando os numerosos sinais desse retorno, e ligando-o ao "milagre" de Ourique. [6] Neste campo, os Jesuítas revelam-se particularmente activos, a Companhia tendo-se tornado um foco importante do Sebastianismo, que utiliza contra Castela. As *Trovas* do Bandarra, que passa a ser venerado como um santo, e a ter lugar reservado nos altares das igrejas, e até na Sé de Lisboa, sem que a Inquisição ouse intervir, vão-lhe ser muito úteis, pois serão relidas à luz desta nova esperança, que se tranforma com o tempo numa verdadeira religião da pátria, segundo um autor espanhol a arma mais forte a ter sido utilizada contra o domínio espanhol. [7]

No entanto, o mito não nos deve fazer esquecer a legitimidade da História, que nos concede o direito, e obriga ao dever de questionar as responsabilidades daqueles que nela têm um papel preponderante. É portanto necessário lembrar a eventual responsabilidade de certos membros da Sociedade de Jesus, especialmente próximos do jovem D. Sebastião, na louca decisão tomada por este de partir para o Norte de África, para uma zona longe de qualquer

---

[4] Não afirmou o prior da ordem militar de Cristo, Frei Roque do Soveral, "não he sonho (ó Portuguezes) temos ja rey Portugues, o incuberto he descuberto, e não he sonho" ? (Citado *in* João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, vol.II, Porto, INIC /CHUP, 1984).
[5] Fernando PESSOA, *Mensagem*, Lisboa, Ática, 1967, p. 25.
[6] V. sobre essa questão João Francisco MARQUES, *op. cit.*
[7] Tomás Garcia FIGUERAS, *La Leyenda del Sebastianismo*, Madrid, I.E.P., 1944, p. 33.

centro de abastecimento em víveres ou munições, combater os chamados Infiéis. Temos aqui de fazer justiça a Filipe II de Espanha, que tenta em vão dissuadir o sobrinho de tomar essa decisão suicidária. Lembremo-nos que os testemunhos coevos apontam para o carácter particularmente surdo aos conselhos alheios do jovem rei – assim como para a tentação, que foi a de certos membros da nobreza, de o prender nas vésperas da batalha de Alcácer-Quibir, de tal modo aparecia claramente esse carácter suicidário da empresa. No entanto, o papel dos "lisongeiros" que rodeavam o rei é igualmente sublinhado pelos testemunhos que chegaram até nós. [8]A luta que as Ordens religiosas em geral, e a Companhia de Jesus em particular, vão mover contra aqueles que ficaram na História de Portugal, com uma tonalidade claramente pejorativa, como "os Filipes", é de um certo modo um reajustamento histórico, o apagar de um erro gravissimo, de que têm certamente a sua parte de responsabilidade.

O papel destas Ordens na Restauração da independência do país não é, com efeito, contestável : os documentos da época, como os que foram reunidos pelo padre jesuíta João de Vasconcelos, sob o pseudónimo Gregório de Almeida, e o título *Restauração prodigiosa de Portugal* (1643), disso testemunham. Os sermões de diferentes membros dessas Ordens provam a agressividade por eles desenvolvida contra a coroa espanhola. O púlpito era então um dos únicos lugares gozando de uma certa liberdade de expressão.[9] Com efeito, o Concílio de Trento, tendo valorizado particularmente o sermão, contribuira para outorgar à palavra eclesiástica uma força e uma autoridade excepcionais. Pode-se, assim, afirmar que a aclamação de D. João IV deve muito à acção dos pregadores, que de certo modo conferiram à causa portuguesa uma caução divina. É verdade que a oratória prosperou nesse contexto de Contra-Reforma, trabalhando a complexidade formal, a argumentação lógica. Os malabarismos estilísticos próprios do cultismo, inspirado de Gôngora (1561-1627), respondiam ás necessidades formais de uma argumentação que seguia os meandros dos jogos "conceptistas" influenciados por Quevedo (1580-1645). Como é do conhecimento geral, essa oratória atinge, em Portugal, o seu apogeu com o Jesuíta António Vieira (1608-1697), mestre em conceitos, mas inimigo de um cultismo que obscurecia a necessária clareza do pensamento[10]. Além de *delectare* o auditório, o sermão devia influenciar o seu

[8] V. João Francisco MARQUES, *op. cit*., p. 149, 150.

[9] V. Marc FUMAROLI, *L'Âge de l'Éloquence,* Paris, Albin Michel, 1980.

[10] No seu *Sermão da Sexagésima*, pregado em Lisboa, na Capela Real, em Março de 1655, Vieira ataca o cultismo praticado pelos Dominicanos, sublinhando o facto de que ele se situa bem longe da palavra dos Evangelhos. V. Ana Maria BINET, « Rhétorique de cour et sermons d'église : quelques exemples dans l'œuvre du P. Antonio Vieira, jésuite portugais (1608-1697) », *in La Religion des Elites au XVIIè siècle*, Centre de Recherches sur le XVIIème siècle européen, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 2008, p. 155-165.

comportamento (*movere*), ao transmitir uma forma de ensino (*docere*). Para tal, o orador devia utilizar, além dos efeitos discursivos, o gesto, a voz, a dalmática, as imagens presentes na igreja, que se torna num teatro do sagrado *(theatrum sacrum)*, jogando com o sentimento de terror provocado nos ouvintes e espectadores. Tudo isso aprendeu Vieira praticando, mas a partir da formação rigorosa recebida no seminário da Baía por ele frequentado, e no livro que fixava o programa dos estudos, o *Ratio Studiorum*, além dos *Exercícios Espirituais* do fundador da Ordem. Os pregadores da Península foram igualmente inspirados pela leitura do livro *Los seis Libros de la Rhetorica Eclesiastica*, de Frei Luís de Grenada, publicado pela primeira vez em Lisboa em 1576. Vários tratados são consagrados aos pregadores que exercem a sua função perante os soberanos. Citaremos apenas alguns dos mais conhecidos, como o do frade jerónimo António de Beja, *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes* (1525), ou o de Frei Juan Marquez, da Ordem de Santo Agostinho, *Del Modo de predicar a los principes* (1612), o de Terrones del Caño, *Instruccion de Predicadores* (1617), ou, mais tarde, *A Verdadeira Nobreza* (1650), de António Carvalho de Parada. Esta preparação considerável, aliada ao talento excepcional que era o de Vieira, contribuiu para a fascinação que ele exerceu sobre a corte quando começou a pregar em Lisboa, em 1641, numa altura em que não tinha ainda transferido as suas esperanças de D. Sebastião para D. João IV. [11] Aliás, aquando da sua coroação, D. João IV teria sido obrigado a prometer que deixaria a coroa a D. Sebastião, se este voltasse [12]– mais uma prova, se ainda fosse necessária, de que os Sebastianistas tinham ganho uma influência considerável na época da Restauração, vista como uma verdadeira ressurreição. Aliás, o sebastianismo ortodoxo vai persistir após a Restauração, e constituir um obstáculo à completa aceitação de D. João IV. Certos pregadores advertem mesmo contra tal atitude, comparando-a à dos Judeus que repudiam Cristo. [13]

A partir da morte de D. João IV, em 1656, Vieira defende a ideia de que este voltará para ser o tão esperado Imperador do Mundo, o verdadeiro Encoberto. Para a Inquisição, esta crença num reino de Deus na terra tornava o milenarismo de Vieira demasiado próximo do messianismo judaico, e condenava assim as suas profecias. Acabará o grande Jesuíta por ser julgado pelo Tribunal da Inquisição e condenado, em 1665, a dois anos de prisão por

[11] V. sobre esta questão Raymond CANTEL, *Prophétisme et Messianisme dans l'oeuvre d'António Vieira*, Paris, Éd. Hispano-Américaines, 1960 ; Ana Maria BINET, « *A madrugada irreal do Quinto Império* ou o eco da voz profética do Pe António Vieira na obra de Fernando Pessoa", *in Terceiro Centenário da Morte do Pe António Vieira. Congresso Internacional. Actas*, vol. III, Braga, Universidade Católica Portuguesa /Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, p. 1845-1854.

[12] Raymond CANTEL, *op. cit.*, p. 37.

[13] V. João Francisco MARQUES, *op. cit.*, p. 160.

hebraísmo e bandarrismo. Através de Vieira, a Inquisição ataca a Companhia de Jesus, onde as crenças sebastianistas continuam a prosperar.

**II – O Papel da Companhia de Jesus na divulgação da crença sebástica no Brasil**

Elas prosperam, aliás, não só em Portugal como no Brasil, para onde tinham sido transportadas em boa parte pelas Ordens religiosas presentes nos territórios em vias de colonização. Os textos dos sermões testemunham dessa crença e do proselitismo de que beneficia : o sermão que Vieira profere, em 1634, na Baía, no dia de S. Sebastião, é um testemunho brilhante da força de tal esperança e da sua penetração na colónia brasileira. No texto se espelha a ambiguidade a que o nome do santo dá azo, havendo mesmo uma referência à falsa morte de D. Sebastião. É verdade que o grande orador confessa que, na solidão da floresta amazónica, pode reflectir longamente nas profecias do Bandarra, que lhe inspirarão mais tarde, como acima referimos, a ideia de fazer evoluir o sebastianismo para um messianismo em volta da personagem de D. João IV, um "joanismo". Quando este morre, em 1656, depois de um governo honesto, mas sem ter realizado os feitos extraordinários de que Vieira estava à espera, este escreve da Amazónia uma carta à raínha, assegurando-a do retorno do rei, segundo as predições do Bandarra, para tomar a cabeça do Quinto Império – o Império de Cristo, a um tempo espiritual e temporal, segundo a interpretação, realizada pelo profeta Daniel, do sonho do rei Nabucudonosor. Segundo Vieira, uma conversão universal à religião cristã está próxima, e será levada a cabo pelo rei de Portugal, imperador do mundo. A paz reinará então durante mil anos, até ao Juízo Final e ao Fim do Mundo. O aspecto visionário do Pe António Vieira revela-se assim como se mantendo sediado num forte sentido político devido à praxis e à ortodoxia vindas da sua formação tomista e neo-tomista. Portugal, país eleito, é considerado por ele como usufruindo a um tempo de uma legitimidade jurídica e providencial.

A evangelização dos Índios do Brasil era parte deste projecto universal, que ultrapassava o « joanismo » inicial, limitado a Portugal propriamente dito. Correspondia ela a uma segunda fase do plano divino para Portugal que tinha começado com as Descobertas. [14] O Brasil tornava-se assim um elemento particularmente importante no contexto messiânico português, os Jesuítas contando entre os agentes mais activos dessa esperança messiânica importada de Portugal. A missão evangelista destes enquadrava-se nesse projecto mais vasto de evangelizar o mundo inteiro, sob a protecção da coroa portuguesa, anunciando o advento do reino de

[14] Cf. Ana Maria BINET, *id*.

Cristo na terra. Nos seus sermões, Vieira testemunha da sua fé nessa Utopia de um mundo tornado cristão pela acção evangelizadora portuguesa.

Por outro lado, parece provável que exemplares manuscritos das *Trovas* do Bandarra tenham circulado no Brasil desde 1591. A Inquisição, aquando da sua primeira visita ao Brasil, ter-se-ia dado conta desta presença, e teria mesmo mandado traduzir as *Trovas* para castelhano. Segundo os inquéritos ordenados pelo Santo Ofício, teriam sido introduzidas no continente americano por "cristãos-novos" que aí se instalaram em grande número, no decurso dos séculos XVI e XVII, e que eram sobretudo originários do Norte de Portugal, como o Bandarra.[15] Não é até impossível que Vieira tenha lido essas *Trovas* no Brasil, pois elas circulavam certamente entre os membros da Companhia.[16] Não devemos também esquecer que o ensino estava a cargo das Ordens religiosas, especialmente dos Jesuítas. E quando se sabe que um dos temas de reflexão que os noviços tinham de tratar era o que discutia a possibilidade que D. Sebastião voltasse ou não,[17] podemos imaginar a influência desta forma de messianismo nas jovens gerações de alunos que passavam pelos Colégios da Sociedade de Jesus.

Maria Isaura Pereira de Queiroz, [18]socióloga brasileira que trabalhou sobre a questão do messianismo no Brasil, contou, entre 1817 e 1968, dezoito movimentos messiânicos inspirados pela crença sebastianista. Com efeito, o messianismo do Bandarra à volta do Encoberto penetrou as camadas populares da nação brasileira, encontrando-se, três séculos mais tarde, na origem de movimentos como o de António Conselheiro, que levou à guerra de Canudos, imortalizada por Euclides da Cunha no seu romance *Os Sertões*[19] . Dá-nos a ler nele os escritos proféticos do Conselheiro, que se parecem fortemente com as ideias veiculadas pelas *Trovas*. A mesma personagem do Encoberto vive ainda nos nossos dias na poesia popular, a qual se inspira das lendas ligadas à de Sebastião, sobretudo no Nordeste do Brasil, tal como na tradição teatral do Bumba-Meu-Boi, em que o rei toma a forma de um touro

[15] Cf. Elias LIPINER, *O Sapateiro de Trancoso e o Alfaiate de Setúbal*, Rio de Janeiro, Imago, 1993.

[16] Lembremo-nos de que o Pe António Vieira escreve, durante a sua estadia no Estado do Maranhão, dois textos marcados pela crença utópica : a carta *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, endereçada, em 1659, ao Pe André Fernandes, bispo do Japão, em que relevamos uma interpretação e reactualização das *Trovas* do Bandarra ; e a *História do Futuro*, incompleta, em que Vieira reafirma a crença num Quinto Império, afirmando o estatuto profético do Bandarra e a realização efectiva das *Trovas*.

[17] Um texto anónimo datado de 1661 relata o seguinte : "El-Rey D. Sebastiam nam morreu na Batalha de Alcacer, nem em Africa, porq'assim foy revellado ao Pe Jzeph de Anchieta da Comp.a de Jesuz, milagrozo Apostolo do Brazil, onde estava no triste dia daquella inflelice Batalha, cujo cazo, lhe foy notório, e o dice ao Cop.m Miguel de Azevedo, no mesmo dia, e perguntan-dolhe o Cop.m se morreu El Rey lhe respondeu, que nam, como mais largamente reffere o Pe Telles na sua Chronica" (*Ante Vieyra : Nas esperanças do Quinto Imperio, respondidas por um Anonymo*, cod. 1570, Biblioteca Nacional de Lisboa)

[18] Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*, S. Paulo, Alfa-Omega, 1976.

[19] Euclides da CUNHA, *Os Sertões*, Lisboa, Livros do Brasil, [s. d.].

coberto de ouro e de pedras preciosas, percorrendo a toda a velocidade o estado do Maranhão, no dia de S. João[20]. A tradição diz também que, antes de morrer afogados, os pescadores da região, e especialmente os da praia de Lençóis, se encontrem face ao fantasma de Sebastião... Na região de Salgado, na Amazónia, fala-se das "três casas" de D. Sebastião. A primeira situa-se na ilha de Maiandeua, na freguesia de Maracanã, onde ficam a praia e o lago da princesa Jarina, sua filha. A segunda encontra-se na ilha de Fortaleza, freguesia de S. João de Pirabas. A terceira, a que já referimos, situa-se no litoral do Maranhão, na ilha de Lençóis. A ideia de que um dia o rei se vai "desencantar" está profundamente arreigada nas populações dessas zonas.[21] Aliás, a confusão é grande entre o rei D. Sebastião e o santo do mesmo nome no contexto do culto dos Orixás, onde é festejado no dia 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião. No Maranhão, D. Sebastião representa um mundo melhor, e espera-se que virá um dia à cabeça de uma armada que reunirá todos os oprimidos.

De libertador político, este tornou-se portanto libertador das cadeias da miséria social. Assim se explica que, no Brasil, a sua personagem se encontre associada a rituais de desencantamento, chegando por vezes ao banho de sangue, fruto de movimentos de fanatismo popular.

O Rei Encoberto deixou, pois, a sombra discreta dos conventos, onde os frades sonhavam com o seu retorno, para trazer, montado no seu cavalo branco, um pouco de esperança aos habitantes das regiões mais desfavorecidas do Brasil. O campo mitológico cria assim ininterruptamente formas narrativas sempre renovadas onde as crenças, fundamentalmente marcadas pelo sincretismo, se perpetuam.

**Conclusão**

Cavaleiro sem terra percorrendo o sertão depois de ter ocasionado a perda do seu país, D. Quichote do imaginário dos povos lusófonos, tentando, pelo sonho e a utopia, ultrapassar as condições impostas por uma realidade demasiado dura, o destino de Sebastião teve a

---

[20] Cf. Luís da Câmara CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1962, ainsi que António QUADROS, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista* (vol. I), Lisboa, Guimarães & C.a Editores, 1982.

[21] V. Luís Camara CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Global, 1984, p. 758 : "Nas noites de sexta-feira, não havendo luar, aparece um grande touro com uma estrela resplandecente na testa. (...) Quem estiver no mar ouvirá o canto das açafatas, entoado no fundo das águas, onde está a cidade encantada d'El-Rei D. Sebastião. Quem tiver a coragem de ferir o touro na estrela radiante vê-lo-à desencantar-se e aparecer El-Rei D. Sebastião. A cidade de São Luís do Maranhão submergir-se-à totalmente e diante da praia dos Lençóis emergirá a cidade encantada, onde o rei espera o momento da sua libertação".

marca da pluralidade, fruto da fusão sucessiva do messianismo judeu, do sebastianismo português [22]e da busca de um paraíso terrestre "tupi-guarani". [23]

Assim, pensamos poder afirmar que o sebastianismo é verdadeiramente um dos mitos mais importantes entre os que estruturam o inconsciente colectivo português, e brasileiro, e apontam para a nostalgia de um paraíso perdido para sempre. Com efeito, como assumir um presente que parece tão longe já da época mítica dos Descobrimentos, essa época que equivale, no imaginário português, a um momento de glória inultrapassável para o país ? Fruto da desgraça e da frustração de um povo submetido a um soberano estrangeiro, pouco tempo depois do período mais prestigioso da sua história, o Sebastião mítico não cessa de voltar e de alimentar o sonho dos Portugueses e dos seus herdeiros culturais : « É O que me sonhei que eterno dura, /É Esse que regressarei ».[24]

Assim, o erro fatal do jovem Sebastião torna-se, através das vias complexas do processo de mitificação, um sacrifício supremo, trazendo em si os germes de uma redenção de Portugal. A lenda esconde-se no seio da história, acabando por formar com ela um ser híbrido e imortal, uma figura a um tempo farol e limite último do imaginário português.

Citaremos aqui J. Lúcio de Azevedo para afirmarmos com ele que « a persistência do messianismo animando a mentalidade de um povo, durante um tempo tão longo e conservando a mesma expressão, é um fenómeno que, se excluirmos o povo judeu, não tem equivalente na história ».

Tendo colocado as suas esperanças num futuro europeu e desistido de um futuro ligado a outros continentes, o Portugal contemporâneo talvez já não sonhe com Sebastião, mas este marca de modo permanente a história e a cultura portuguesas, e até lusófonas. Com efeito, permitiu criar nelas um espaço onde o imaginário se enraíza e onde Portugal tentou sempre descodificar os sinais do seu destino.

---

[22] Estamos completamente de acordo com João Francisco MARQUES quando este afirma que "A tese de que o sebastianismo arranca de um elemento ligado à vinda do Messias, aguardado pela corrente judaica lusa, (...) é evidente à luz da análise histórica do domínio filipino. Anteriores à morte de D. Sebastião, as esperanças dos judeus e judaizantes portugueses puderam, como se compreende, fundir-se com as da nação a partir do desastre de Alcácer-Quibir." (*op. cit.*, p. 212)

23 Cf. *id*., e Mircea ELIADE, *La Nostalgie des origines*, Paris, Gallimard, 1971.

[24] Fernando PESSOA, *Mensagem, op. cit.*, p. 81.